

**Por iniciativa do «Tal & Qual», oito crianças que nunca tinham visto o mar foram esta semana à praia, em Aveiro. «Foi a viagem mais bonita das nossas vidas!» — disseram os petizes de Agualva, Vale de Cambra.**

# O MAR

AGUALVA é uma pequena aldeia escondida bem no alto da Serra da Freita, a mais de 30 quilómetros de Vale de Cambra. O «T&Q» foi lá encontrar oito pequenitos, entre os seis e os doze anos, que, até esta semana, só conheciam o mar pela televisão e por fotografias. Agora já não: os meninos da serra, alunos da Escola Primária de Agualva, viram finalmente o mar em directo e ao vivo. Com o apoio da Câmara Municipal de Vale de Cambra e da Junta de Freguesia de Arões, fomos com eles à Praia da Barra, em Aveiro, e levámo-los a visitar o «Portugal dos Pequenitos», em Coimbra. Um passeio inesquecível!

Eram oito da manhã quando a camioneta da Câmara Municipal de Vale de Cambra chegou a Agualva. Os oito petizes já estavam à espera no local combinado. Com eles, apenas o professor, António Delgado, e o presidente da Junta de Freguesia de Arões, Carlos dos Santos. Nenhuma mãe apareceu para a despedida.

A maior parte da estrada de Agualva para Vale de Cambra é em terra batida, bem ao jeito de Sainz e Bision, que aí dão espectáculo todos os anos, durante o Rali de Portugal. Não há estômago que resista aos solavancos, sobretudo para quem só anda de carro em dias de festa ou em caso de doença grave. Que o diga o motorista da camioneta, sr. Luís Gustavo: foi preciso parar meia dúzia de vezes por causa dos enjoos...



Uma orgia de mar, danças, vivas e correrias: inesquecível!

Perto da barra de Aveiro, a Anabela, o Márcio e o Nelson foram os primeiros a sentir o cheiro do mar. Mas foi a Adélia, de seis anitos, quem deu o grito de alerta: **«Olha os barcos em cima da água! Os senhores fecham as presas para haver muita água e para os barcos não caírem ao chão. Esta água vem todos os ribeiros».** A explicação dada pela menina é simples: ela transpõe para o oceano o seu universo cam-

pestre, com regatos de água engrossados pelas represas, estancados pelo homem para regar as culturas serranas.

Minutos depois, era a paragem na Praia da Barra, com o mar ao alcance daquelas mãos pequeninas. As crianças do alto da serra desceram da camioneta em silêncio e assim ficaram durante uns momentos, de mãos dadas e olhos esbugalhados. As cabeças voltaram-se para todos os la-

dos onde se via o mar. Parecia que os petizes queriam certificar-se se aquele mar era verdadeiro, ou se não passava de uma ilusão inventada pela fada dos sonhos.

Depois, os corpos saltaram-se e todos correram praia fora, a ver quem chegava primeiro às franjas de água salgada. Foi a explosão de alegria. **«Olha só que mar tão grande!»**, exclamava a Inês, de oito anos. **«Vivó mar!»** — grita-

va a Carla, de nove, obrigando os outros a acompanhá-la em mais um viva seguido de aplausos.

Ao fim de uma boa meia-hora de correrias, os corpiños cansados sentaram-se nos rochedos cobertos de uns bichos pretos que a todos faziam confusão. A Adélia encarregou-se das apresentações: **«Não tenham medo, que eles não fazem mal. São "abre-bocas"».** E ali se entretiveram mais uns minutos a apanhar os

«abre-bocas», também conhecidos por mexilhões...

Mar visto e revisto, era altura de partir para novas aventuras. Foi emocionante descobrir nos olhos daquelas crianças o fascínio por coisas banais para os meninos da cidade — mas que estes nunca antes tinham visto. Uma automotora, por exemplo, onde fizeram questão de entrar e sentar-se. Para uns, é **«um autocarro muito esquisito»**; segundo outros, trata-se de **«um comboio mais pequeno, para as crianças andarem».**

Outro ponto forte do passeio foi a visita aos macacos de um jardim de Aveiro. A miudagem ia convenientemente preparada para o encontro: todos traziam no saco da merenda uma banana para o efeito. A entrada no jardim foi feita já de banana em punho. A uns metros da jaula já os pequenos riam a bandeiras despregadas com as acrobacias de uma macaca. Aproximaram-se da rede, mas só houve tempo de oferecer uma peça de fruta ao bicho: a ingrata da macaca não ligou pèva à banana e preferiu antes morder o dedo de uma das pequenas visitantes. Foi mais o susto que outra coisa... mas, mesmo assim, a petizada passou o resto do tempo no jardim a apreciar a cauda imponente de um pavão.

De novo na camioneta, Carlos dos Santos perguntou aos jovens moradores da sua freguesia o que gostariam de ser quando forem grandes. A Carla quer ser enfermeira; o Nelson, o Márcio e a Anabela querem ser professores; a Adélia, dentista; a Márcia, agricultora;



# EM DIRECTO

e a Inês, doutora. Só o Carlitos, o benjamim da escola, ainda não decidiu o que quer ser.

O professor Delgado, um guineense de 30 e poucos anos, vai para dois desterrado em Agualva, comenta os desejos dos seus alunos: «São profissões que os obrigam a frequentar a escola uma série de anos, mas nenhum deles quer ir além da 4ª classe. E até tenho aqui alunos brilhantes... O problema é que o seu universo está reduzido a Agualva. Só espero que este passeio os tenha ajudado a descobrir novos horizontes, a ver com os próprios olhos que o mundo não começa nem acaba lá na terra».

Até há bem pouco tempo, Agualva nem sequer tinha escola. Os miúdos tinham que ir às aldeias vizinhas de Lomba de Arões. Mas rivalidades antigas entre os habitantes dos dois lugares descambaram num tiroteio que provocou um morto e vários feridos, tudo por uma questão de águas. As crianças de Agualva deixaram então de frequentar a escola de Lomba de Arões. A Câmara Municipal comprou uma casa em Agualva e adaptou uma parte do edifício para servir de escola, ficando a outra parte como residência do professor. É aí que vive António Delgado, de 2ª a 6ª feira. Só vê a família, em Aveiro, aos fins-de-semana.

As mães de Agualva não vão muito à bola com a ideia

de deixar partir os filhos para irem estudar. Mesmo a excursão promovida pelo «T&Q», com o apoio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, não foi fácil de organizar. «Tive que fazer três reuniões com as mães dos garotos só para conseguir convencê-las a deixarem os filhos fazerem esta viagem. E houve algumas que ainda ficaram reticentes. Só aceitaram quando souberam que o presidente da Junta também ia conosco», conta o professor Delgado.

A paragem seguinte foi Santa Clara, em Coimbra, onde existe um mapa do País bem mais agradável de estudar do que os mapas de papel pendurados nas salas de aula das nossas escolas primárias: o «Portugal dos Pequenitos».

Num país do tamanho à escala do seu tamanho, não houve percurso que os meninos de Agualva não fizessem e tentassem repetir, da Universidade de Coimbra aos castelos, do moinho ao farol de navegação — que já não era novidade para eles, desde a visita ao farol da barra de Aveiro. O avião da Força Aérea concentrou as atenções durante largos minutos, mas por fim lá partiram à descoberta do eléctrico, um meio de transporte há anos retirado das ruas de Coimbra.

Depois foi a visita às casinhas típicas: entraram em todas, ficando assim a conhecer a arquitectura tradicional portuguesa, de Trás-

os-Montes ao Algarve, passando pelo Minho, as Beiras, a Estremadura e o Alentejo.

A certa altura, a trupe desapareceu da vista dos adultos. Fomos descobri-los a todos dentro de uma igreja em miniatura, com o Nelson, de oito anos, todo afoito a rezar um arremedo de missa e os outros a seguir a oratória do padre improvisado. Quando o repórter perguntou ao Nelson o que estava a pedir nas suas orações, teve resposta pronta: «Que o senhor nos vá lá buscar outra vez para a semana que vem!»

DINIS ALVES ■



Praia da Barra: sal e alegria à primeira vista

## Automóvel Club de Portugal COMUNICADO

Os semanários «O Jornal» e «O Independente», nas suas edições do passado dia 7 do corrente, publicaram notícias de teor sensivelmente análogo, que, pelos seus títulos, subtítulos, considerações e insinuações visam atingir a honra e dignidade do Presidente da Direcção do Automóvel Club de Portugal e põem ainda em causa o bom nome do clube, o rigor e transparência da sua gestão e o correcto desenvolvimento da sua actividade.

1. Em tais circunstâncias a Direcção do Automóvel Club de Portugal entende necessário prestar aos seus associados e ao público em geral os seguintes esclarecimentos sobre as matérias versadas nas notícias em causa.

2. A organização do Rallye de Portugal - Vinho do Porto, cabe, desde 1974, ao Automóvel Club de Portugal, por iniciativa do Senhor Alfredo César Torres, que, em 17 de Dezembro desse ano, a propôs em reunião de Direcção tendo essa proposta sido aprovada por unanimidade.

3. Entretanto, as primeiras indicações colhidas dos trabalhos de organização da prova aconselharam que se tomassem medidas conducentes a aumentar a eficácia e operacionalidade das respectivas estruturas dotando o Rallye de Portugal de um bloco de meios humanos e materiais autónomo e flexível, que não interferisse com o funcionamento do Automóvel Club de Portugal, já então sobrecarregado com uma gama complexa de actividades.

Assim, em reunião de 29 de Abril de 1975, a Direcção do Automóvel Club de Portugal, presidida então pelo Senhor Dr. Francisco Pinto Balsemão, deliberou, ao abrigo dos Estatutos, confiar a organização do Rallye de Portugal ao então vogal da Direcção, Senhor Alfredo César Torres, especificando que a organização compreenderia os aspectos técnicos e administrativos, bem como a estrutura e promoção da prova e ainda os contactos com entidades privadas e oficiais, incluindo os respectivos patrocinadores.

Para tanto, e conforme consta das respectivas actas da Direcção, foram então cometidas ao Senhor Alfredo César Torres, entre outras, as seguintes atribuições:

- Escolha das pessoas a integrar na organização técnica da prova;
- Escolha, arrendamento e preparação das instalações afectas à organização do Rallye;
- Contratação, em seu nome, de todos os colaboradores a integrar, pela forma que considerasse mais adequada, nos serviços de secretariado e de estrada e fixação das respectivas funções e vencimentos;
- Negociação e fixação das comissões de angariação de publicidade;
- Definição dos valores das ajudas de custo e respectivos beneficiários;
- Promoção das acções necessárias ao equilíbrio financeiro da organização.
- Gestão das verbas orçamentadas, quer elas fossem entregues através do Automóvel Club de Portugal, quer quando recebidas directamente de patrocinadores, anunciantes, etc.

Na mesma reunião ficou expressamente assente que os colaboradores do Rallye seriam pessoalmente contratados pelo Senhor Alfredo César Torres, bem como o arrendamento das

instalações do secretariado da prova e a organização e gestão dos respectivos meios, pelo que nenhuma responsabilidade poderia, nesse domínio, ser imputada ao Automóvel Club de Portugal.

Estabeleceu-se, ainda, que no final — ou antes, se fosse julgado conveniente — seriam apresentadas contas detalhadas à Direcção, sendo o respectivo balanço sintético integrado nas contas gerais do Automóvel Club de Portugal.

4. As regras então definidas mantiveram-se em vigor durante os 16 anos entretanto decorridos, inclusivamente após a passagem do senhor Alfredo César Torres a Presidente da Direcção, encontrando-se todas as contas do Rallye integradas, à medida do seu encerramento, na contabilidade geral do Club, com o respectivo suporte documental.

5. O esquema de funcionamento do Rallye de Portugal, que fica descrito e explicado nas suas linhas fundamentais, tem-se revelado adequado, seguro e eficaz.

Não é difícil manter um controlo sobre vendas que provêm quase exclusivamente de três origens: a publicidade — que é ostensiva, tornando a todo o momento possível a identificação dos anunciantes e dos contratos — os subsídios — que são necessariamente documentados e quase institucionais, dada a habitualidade da colaboração — e as taxas de inscrição dos concorrentes — cujo produto é de conhecimento óbvio, no âmbito do Automóvel Club de Portugal.

De resto, este esquema de funcionamento, velho de 16 anos, mas apropriado aos interesses do Automóvel Club de Portugal, permitiu que o Rallye de Portugal se tomasse num acontecimento de larga projecção nacional e internacional, contribuindo para o prestígio do Automóvel Club e para a promoção da imagem do País.

6. Sendo assim, impõe-se reconduzir e situar em perspectiva correcta, o essencial das afirmações, conclusões, especulações e insinuações das notícias veiculadas pelos semanários em causa.

- As receitas e despesas referentes ao Rallye de Portugal encontram-se escrituradas como tal nas contas do Automóvel Club de Portugal.
- O Senhor Alfredo César Torres, no uso dos poderes que a Direcção do Automóvel Club de Portugal oportunamente lhe conferiu, concentrou em duas contas bancárias, abertas em nome do Rallye de Portugal, todos os recebimentos e pagamentos relacionados com a organização e realização do mesmo.
- A escolha de colaboradores para a realização das funções e tarefas inerentes ao Rallye de Portugal, incluindo a movimentação de contas bancárias é da exclusiva responsabilidade do Senhor Alfredo César Torres, que, para o efeito, se pode rodear de quem entender, nomeadamente, de pessoas de sua estrita confiança pessoal.
- A Senhora D. Maria Teresa Torres foi desde sempre a principal colaboradora do Senhor Alfredo César Torres na organização do Rallye, tendo nessas tarefas assegurado a chefia do Secretariado do Rallye, o que sempre foi do conhecimento da Direcção e Serviços do Clube, patrocinadores, comissários desportivos, concorrentes e jornalistas.

A Direcção



Na automotora, «um autocarro muito esquisito»



# Cavaco confessa-se a Joaquim Letria

# EU CÁ SOU ASSIM

“ Lá em baixo eles gritavam ‘Desce! Desce, que ainda partes o nariz’. Mas, como vê, não parti...”

■ O primeiro-ministro contou à TV as suas tropicalíssimas aventuras, incluindo a célebre escalada da bananeira em S. Tomé e Príncipe. Assistimos a esta gravação quase confidencial. ■ CENTRAIS

**osicom**  
 computers made in USA  
**OSICOM**  
 para si que exige alta performance  
**TRIBUS**

## Que lindo!

• Meninos da aldeia vêm o mar pela 1.ª vez

■ PÁGINAS 8/9

